

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL

RAPHAEL MIGUEL SANTANA

**AS RELAÇÕES EXTERIORES DO BRASIL COM A HUNGRIA, POLÔNIA E
ESTADOS UNIDOS NO GOVERNO BOLSONARO (2019-2022).**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal do Estado De Mato Grosso
Do Sul como requisito parcial à obtenção do grau de
Licenciatura em História.

Orientador Prof.^a Dr. Samuel De Jesus

CAMPO GRANDE

2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL

RAPHAEL MIGUEL SANTANA

**AS RELAÇÕES EXTERIORES DO BRASIL COM A HUNGRIA, POLÔNIA E
ESTADOS UNIDOS NO GOVERNO BOLSONARO (2019-2022).**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal do Estado De Mato Grosso Do Sul
como requisito parcial à obtenção do grau de
Licenciatura em História. Orientador: Prof.^a Dr. Samuel
De Jesus

Aprovado em: _____ de _____ de _____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr. Samuel de Jesus– Orientador
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Prof. Dr. Cesar Augusto Silva da Silva – Avaliador
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Prof. Dr. Alexandre dos Santos Lopes - Avaliador
Instituto Federal do Campus de Coxim

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado tudo que tenho e principalmente por permitir que eu chegasse até aqui.

Ao meu pai que tanto me apoiou no começo da minha caminhada acadêmica, que me impulsionou para que eu seguisse meus sonhos. Agradeço também a minha mãe por ter me dado tanto amor e compreensão, ela foi a pessoa com quem compartilhei minhas incertezas, minhas frustrações e meus planos para o futuro, seus conselhos foram de grande ajuda e não estaria aqui sem eles, ela é e sempre será meu porto seguro. Se não fosse pelos meus pais jamais conseguiria chegar onde estou então a eles meus mais sinceros agradecimentos. Por último mas não menos importante agradeço ao meu orientador Samuel que não mediu esforços para me ajudar, ele me acolheu, me aconselhou e teve muita paciência, se não fosse por ele o trabalho não estaria concluído, então a ele eu devo os meus mais sinceros agradecimentos.

Resumo. Este estudo analisou as relações exteriores do Brasil durante o governo de Jair Bolsonaro (2019-2022), com ênfase no alinhamento ideológico com governos de direita radical, como os de Estados Unidos, Hungria e Polônia. O governo Bolsonaro marcou uma ruptura com a política externa tradicionalmente multilateralista do Brasil, priorizando laços com nações que compartilhavam valores conservadores, como a defesa da soberania nacional, a rejeição ao multilateralismo e o combate a pautas progressistas. Embora essa estratégia tenha criado alianças políticas, especialmente com o governo de Donald Trump nos Estados Unidos, os resultados econômicos e diplomáticos foram limitados. O estudo conclui que, apesar da proximidade ideológica com esses países, a política externa de Bolsonaro resultou em um Brasil mais isolado no cenário internacional, com poucos benefícios concretos para o país, destacando as fragilidades de uma diplomacia pautada exclusivamente por afinidades políticas.

Palavras-chave: Política Externa Brasileira; Jair Bolsonaro; Direita Radical; Estados Unidos; Hungria; Polônia.

SUMÁRIO

Introdução.....	6
1.Ascensão da extrema direita: Hungria, Polônia, Estados unidos e Brasil.....	7
1.1 Hungria.....	7
1.2 Polônia.....	10
1.3 Estados unidos.....	11
1.4 Brasil.....	14
2. Relações exteriores no governo de Jair Bolsonaro (2019-2022)	19
2.1 Relações Brasil e Polônia no governo Bolsonaro.....	24
2.2 Relações Brasil e Estados Unidos no Governo Bolsonaro.....	26
Conclusão.....	29
Referencias bibliográficas.....	30

Introdução

A ascensão de governos de direita radical nas últimas décadas tem provocado profundas transformações no cenário global, especialmente no que diz respeito às relações internacionais e à política externa de vários países. No contexto brasileiro, a eleição de Jair Bolsonaro em 2018 marcou uma inflexão significativa na política externa do país, alinhando-se à tendências similares vistas em nações como Estados Unidos, Hungria e Polônia. Esses países, sob a liderança de Donald Trump, Viktor Orbán e Andrzej Duda, respectivamente, compartilharam uma agenda conservadora e nacionalista que desafiou as normas estabelecidas da diplomacia multilateral e dos direitos humanos. Este estudo busca explorar as interconexões entre a ascensão da direita radical nesses países e seus impactos nas respectivas políticas externas, com foco nas relações entre Brasil, Estados Unidos, Hungria e Polônia durante o governo Bolsonaro. A análise procura identificar como as pautas comuns, como a rejeição à “ideologia de gênero”, a defesa de valores conservadores e o combate à globalização, moldaram as articulações em fóruns multilaterais e afetaram as alianças estratégicas.

A investigação também pretende compreender de que maneira esses governos radicalizaram seus posicionamentos em temas centrais, como direitos humanos e democracia, contribuindo para a polarização política global e redefinindo as dinâmicas de poder no cenário internacional. Este estudo busca lançar luz sobre os impactos de curto e longo prazo de uma política externa conduzida sob a égide da direita radical e seus reflexos na ordem internacional. A ascensão de governos de direita radical em diversas partes do mundo nas últimas décadas representa uma mudança paradigmática na política internacional. Brasil, Estados Unidos, Hungria e Polônia, sob as lideranças de Jair Bolsonaro, Donald Trump, Viktor Orbán e Andrzej Duda, respectivamente, protagonizaram essa virada ideológica, alinhando-se em uma agenda comum que impactou profundamente a política externa e as relações multilaterais. Estudar essas transformações é algo fundamental para compreender o novo contexto global, no qual o nacionalismo, o conservadorismo social e a contestação de princípios democráticos, como os direitos humanos e as liberdades civis, ganharam destaque.

A escolha desses quatro países para análise justifica-se pela relevância de suas lideranças no cenário político global e pelo modo como moldaram suas políticas externas com

base em valores conservadores, em oposição ao que viam como ameaças da globalização e da governança internacional. O Brasil, sob Bolsonaro, reposicionou-se nas relações internacionais, rompendo com a tradição de multilateralismo que por décadas havia guiado sua política externa. Da mesma forma, os Estados Unidos de Trump desafiaram o sistema de alianças globais e os fóruns multilaterais, enquanto Hungria e Polônia, membros da União Europeia, adotaram posturas mais isolacionistas e conservadoras que desafiaram os valores fundacionais da comunidade europeia.

O estudo é pertinente para compreender como as interações entre esses países refletiram e reforçaram tendências globais, como o combate à “ideologia de gênero”, o ressurgimento do protecionismo e o enfraquecimento de mecanismos de cooperação internacional. O impacto dessas políticas não se restringe ao período de seus respectivos governos, pois as mudanças institucionais e a reconfiguração das relações internacionais tendem a ter efeitos duradouros. Dessa forma, este estudo justifica-se pela necessidade de entender os impactos da ascensão da direita radical no comportamento diplomático e nos alinhamentos estratégicos de países que desempenham papéis centrais na política global, a análise dessas dinâmicas é essencial para estudiosos das relações internacionais, assim como para formuladores de políticas que buscam navegar um ambiente cada vez mais polarizado e imprevisível.

1. Ascensão da extrema direita: Hungria, Polônia, Estados Unidos e Brasil

1.1 Hungria

Na Europa, a Hungria e a Polônia seguiram caminhos semelhantes de ascensão da extrema direita, lideradas por Viktor Orbán e Andrzej Duda, respectivamente. Orbán, que consolidou seu poder a partir de 2010, promoveu uma agenda política baseada no nacionalismo, na rejeição à imigração e na defesa dos valores cristãos tradicionais. Orbán utilizou a narrativa de proteção da soberania nacional contra as “imposições” da União Europeia para justificar uma série de reformas que minaram instituições democráticas no país, como o judiciário e a mídia, criando um regime cada vez mais autoritário.

A crise financeira global de 2008 teve um impacto devastador na economia húngara, resultando assim em uma recessão severa. As políticas de corte de gastos e o aumento do

desemprego exacerbaram o descontentamento social, além disso, a crescente desigualdade e a marginalização de grupos como os ciganos criaram um terreno fértil para a retórica populista e nacionalista promovida por Viktor Orbán e por outros partidos da extrema direita. Com a campanha uma vez elaborada culpando o atual governo da época pela crise financeira e pela miserabilidade cada vez mais crescente de parte da população e os apontando como uma ameaça a nação, os partidos da extrema direita principalmente o de Viktor Orbán ganharam cada vez mais apoio do eleitorado húngaro.

A crise húngara foi amplamente associada ao fracasso do liberalismo e da esquerda política no país. Em vista disso, o eleitorado de direita húngaro adotou atitudes simultaneamente anticomunistas, negando o passado autoritário sob a órbita da União Soviética, e anticapitalistas, responsabilizando as elites liberais por políticas econômicas insustentáveis a longo prazo. Com isso, ganharam proeminência os partidos Fidesz-Aliança Cívica Húngara (*Fidesz-Magyar Polgári Szövetség*, usualmente chamado apenas de Fidesz), de centro-direita, e o Movimento para uma Hungria Melhor (*Jobbik Magyarországért Mozgalom*, abreviado para Jobbik), de extrema direita. Nas eleições do Parlamento Europeu de 2009, o primeiro obteve 56% dos votos populares. (Desideri, 2020)

Viktor Orbán já tinha sido primeiro ministro de 1998 a 2002 com um viés de conservador moderado e um histórico de oposição ao regime soviético ao qual dizimou mais de vinte mil pessoas no levante de 1956. Após Viktor Orbán perder as eleições de 2002 a 2006 para os socialistas, tanto ele como seu atual partido de direita, o Fidesz, fizeram uma readaptação do seu discurso político, passou a adotar um discurso ideológico voltado totalmente ao nacionalismo exacerbado e aliou-se à Igreja Católica, fazendo com que ganhassem popularidade entre os setores mais conservadores, viabilizando, assim a sua volta ao poder em 2010. Com o fracasso do neoliberalismo na Hungria, Viktor Orbán passou a fazer fortes críticas ao que antes eram considerados seus aliados e se posicionou a favor do nacionalismo extremado: “O Estado que estamos construindo na Hungria não é liberal. Não nega valores como a liberdade, mas não faz deles um componente central. Como núcleo, proponho um elemento particular: o enfoque nacional”, disse Orban (Andreu & Fariza 2014)

A crise imigratória europeia provocada pela “primavera árabe” desencadearam receio e insegurança nos corações dos cidadãos húngaros visto que, essa crescente crise migratória pudesse vir a causar caos ao país, Viktor Orbán aproveitando-se dessa possível crise acaba por elaborar um discurso xenofóbico anti-imigratório que o ajudou a se reeleger, logo depois Viktor Orbán começou a lançar uma série de medidas extremas para combater a imigração: cercas em

volta das fronteiras e leis que criminalizavam as pessoas que colaboravam com esses imigrantes. Neste pacote de medidas extremas, existia a promessa de volta da ordem e segurança aos cidadãos, assim como a defesa de sua cultura, considerada ameaçada pelos estrangeiros: “Consideramos um valor que a Hungria seja um país homogêneo e que mostre uma face muito homogênea em sua cultura, modo de pensar e costumes de civilização. Consideramos isso um valor e não queremos sacrificar esse valor”. (Da silva, 2021).

A sua ideologia anti-imigrante misturada a seus discursos atacando não só a comunidade LGBT mas também outras minorias em prol na defesa da “família tradicional” e a intolerância religiosa o ajudaram a também vencer as eleições de 2014 e 2018. Outro ponto importante que devemos destacar foi quando o governo de Viktor Orbán implementou uma série de reformas eleitorais que favoreceram o Fidesz (seu partido de extrema direita), dificultando a vitória da oposição. O controle sobre a mídia e a repressão à liberdade de imprensa ajudaram a moldar a opinião pública a favor do governo, assim como o controle do judiciário. Isto também o ajudou a aumentar seu poder criando leis que o favorecessem ou que fossem alinhadas com sua ideologia conservadora sem a menor oposição tanto do parlamento (com a maioria sendo parte da bancada apoiadora) quanto do judiciário.

Além disso, a oposição política na Hungria ficou fragmentada e incapaz de se unir efetivamente contra o Fidesz, facilitando a consolidação do poder por Viktor Orbán e consequentemente deixando o país nas mãos não de uma democracia, mas sim de uma “autocracia”. O sistema educacional, também está sendo controlado por Orbán: escolas passam a ser um reforço da narrativa do governo e um meio de espalhar sua ideologia para as próximas gerações, assim como as universidades que passaram a ser administradas por iniciativas privadas ligadas ao governo de Viktor Orbán.

1.2 Polônia

Na Polônia, Andrzej Duda, desde sua ascensão ao poder em 2015, seguiu uma trajetória semelhante à de Orbán. O governo polonês, apoiado pelo partido Lei e Justiça (PiS), implementou uma série de reformas que, segundo Simioni e Kyrillos (2024), enfraqueceram a independência do judiciário e restringiram direitos fundamentais, especialmente em questões de direitos humanos e gênero. A retórica nacionalista de Duda, que vê a Polônia como uma guardiã dos valores cristãos na Europa, tem sido uma ferramenta eficaz para mobilizar eleitores conservadores e reforçar o controle do governo sobre as instituições.

A crise migratória dos últimos anos foi um dos principais fatores se não o principal fator que contribuiu para que o Partido de Lei e Justiça tenha chegado ao poder, o discurso do partido a respeito da imigração é parecido com o de Viktor Orbán na Hungria e de outros líderes da extrema direita ou seja, para eles é uma “questão cultural”. A diferença da Polônia para a Hungria é que a população da Polónia tem uma cultura que, de certa forma, dificulta a aceitação de estrangeiros, o medo do desconhecido faz com que, as pessoas se sintam inseguras e o partido de lei e justiça se aproveitou dessa característica e começou a espalhar uma narrativa falsa em que o imigrante era uma ameaça à nação, sendo eles criminosos ou pessoas que espalham doenças.

O sociólogo Gavin Rae, da Universidade Kozminski, em Varsóvia, afirma que a antipatia perante os refugiados é mais forte entre os jovens e é, em grande parte, resultado de um fluxo incessante de imagens assustadoras na mídia e da retórica do partido governista. "Além disso, a Polónia nunca foi muito estável. Qualquer coisa que pareça perturbar o *status quo* geopolítico tende a assustar as pessoas por aqui. Fronteiras importam", afirma.

O partido governista tem falado sobre doenças que estão sendo trazidas para a Polónia pelos refugiados. Há também sugestões de que alguns daqueles que entram na Europa são jihadistas, sendo que todos nós estamos cientes no que isso pode potencialmente resultar, acrescenta Rae. (Harper, 2016)

Embora a Polónia tenha experimentado um crescimento econômico significativo desde a adesão à União Europeia, esse crescimento não foi uniforme, pois regiões rurais e menos desenvolvidas frequentemente não se beneficiaram dos avanços econômicos, resultando em frustração e descontentamento. Partidos de extrema direita, como o Partido de Lei e Justiça, prometeram redistribuição de recursos e foco nas necessidades das comunidades

negligenciadas, atraindo eleitores que se sentiam abandonados pelo governo neoliberal, esse também foi um dos fatores que contribuíram para a vitória da extrema direita na Polônia.

Outro fator, foi as mudanças sociais rápidas, como a crescente aceitação da diversidade e dos direitos das minorias, geraram uma reação contrária em segmentos da população que se sentem ameaçados. A extrema direita da Polônia capitalizou esses medos, prometendo restaurar valores "tradicionais" e conservadores que, segundo eles estão sendo ameaçados por uma sociedade em rápida transformação, por exemplo, o presidente Andrzej Sebastian Duda disse que a sigla LGBTQIAP+ seria a "ideologia mais perigosa que o comunismo". O apoio da igreja católica também foi fundamental para a campanha política, pois ela serviu como um reforço do viés conservador buscando, sobretudo defender a chamada "família tradicional" e os bons costumes cristãos. Sendo um país de maioria católica, a influência da igreja pode ter sido um diferencial na mente dos cidadãos, esses fatores entre outros, têm se entrelaçado para criar um ambiente propício à ascensão da extrema direita na Polônia, refletindo não apenas questões locais, mas também, tendências mais amplas que podem ser vistas em várias partes do mundo.

Em todos esses países, a ascensão da extrema direita foi facilitada por crises políticas e econômicas, o que permitiu que líderes populistas explorassem sentimentos de insatisfação popular e desconfiança nas elites. Esses governos compartilham características comuns, como a rejeição ao multilateralismo, o ataque a minorias e a promoção de políticas de identidade nacionalista. Hirst e Maciel (2022) apontam que essa nova configuração política global tem desafiado as normas democráticas e os valores liberais tradicionais, criando um ambiente de crescente polarização política.

1.3 Estados unidos

A eleição de Donald Trump em 2016 nos Estados Unidos representou um marco na política global, revelando a força de um movimento populista e conservador que emergia no país. Diversos fatores contribuíram para sua vitória, entre eles o ressentimento econômico de certas parcelas da população, o descontentamento com as elites políticas, a polarização cultural, e a habilidade de Trump em mobilizar um discurso de política nova contra o establishment político de Washington. Esses elementos foram catalisadores que permitiram sua ascensão em um cenário político profundamente fragmentado. Um dos principais motivos que explicam a eleição de Trump foi o ressentimento econômico de setores da classe trabalhadora, especialmente em regiões conhecidas como o "cinturão da ferrugem", que sofreram com a

desindustrialização e o declínio da manufatura. Esses trabalhadores, muitos dos quais haviam apoiado candidatos democratas em eleições anteriores, sentiram-se abandonados pelas políticas de globalização e acordos de livre comércio que, em sua visão, favoreceram grandes corporações e elites urbanas às custas de suas comunidades locais. A promessa de Trump de "Make America Great Again" ressoou profundamente entre esses eleitores, pois oferecia uma visão nostálgica de recuperação econômica e proteção contra as supostas ameaças representadas pela imigração e pelo comércio internacional.

Outro fator determinante para a vitória de Trump foi a crescente desconfiança nas elites políticas e no *establishment* de Washington. Após anos de crises políticas e econômicas, muitos americanos passaram a enxergar os políticos tradicionais como desconectados de suas realidades e preocupados apenas em manter seus privilégios. Trump, com sua retórica de nova política, apresentou-se como alguém capaz de "drenar o pântano" e trazer uma mudança real à política americana. Diferente de outros candidatos, ele se posicionou como alguém fora das engrenagens da política tradicional, o que atraiu eleitores insatisfeitos com os partidos tradicionais, tanto republicanos quanto democratas.

A polarização cultural também desempenhou um papel fundamental na eleição de Trump. Questões relacionadas à imigração, identidade nacional, direitos civis e igualdade de gênero foram intensamente debatidas durante a campanha. A retórica de Trump, que frequentemente adotava posições xenófobas e anti-imigração, ressoou com uma parcela do eleitorado que via a diversidade crescente e as mudanças sociais no país como ameaças à sua identidade e valores tradicionais, a chamada "guerra cultural" foi central para a estratégia de Trump, que usou temas como o controle da imigração e o combate à "ideologia de gênero" para mobilizar eleitores conservadores e cristãos evangélicos.

Trump foi vitorioso apesar de atacar minorias étnicas e religiosas, de não receber o apoio de nomes importantíssimos de seu partido, de manter um discurso xenófobo (apesar de explorar o trabalho mais barato de asiáticos e hispânicos em suas empresas), de jamais ter revelado detalhes sobre seu imposto de renda, praxe entre candidatos ao Executivo aqui nos EUA, e de ter sido acusado de assédio sexual por uma dezena de mulheres. (Neves, 2016)

A mídia também teve um papel controverso na ascensão de Trump. Ele se beneficiou enormemente da cobertura extensiva de seus discursos e ações durante a campanha. Embora muitos meios de comunicação o criticassem, a constante exposição deu-lhe visibilidade e o colocou no centro do debate político. Trump soube usar as redes sociais, especialmente o

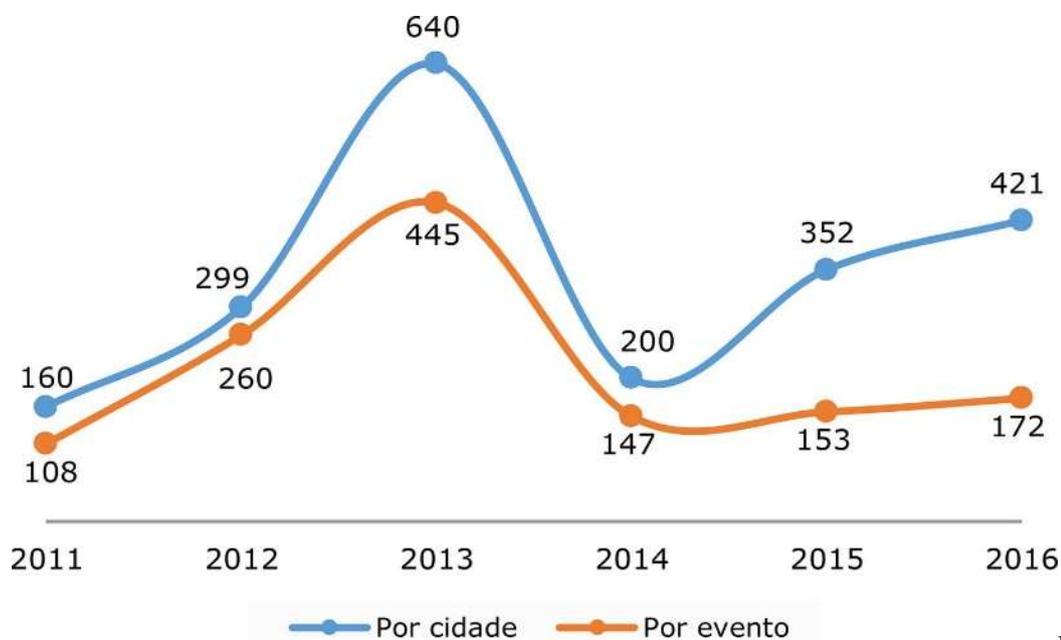
Twitter (atual X), para comunicar-se diretamente com seu eleitorado, contornando a imprensa tradicional, que ele frequentemente classificava como "fake news". Esse uso das mídias digitais ajudou a fortalecer sua imagem como um candidato anti-sistêmico e como a voz do povo contra as elites. A crise de representatividade do Partido Democrata contribuiu para a vitória de Trump. A campanha de Hillary Clinton, embora robusta em termos de recursos e estrutura, tentou mobilizar segmentos críticos do eleitorado, especialmente jovens e minorias. O histórico de Clinton no establishment político e sua conexão com políticas neoliberais que muitos viam como prejudiciais para a classe trabalhadora reduziram seu apelo em estados-chave. Trump, por outro lado, conseguiu capturar o descontentamento popular com sua retórica populista e carismática, mesmo com uma plataforma política marcada por controvérsias.

A eleição de Donald Trump foi resultado de uma convergência de fatores econômicos, sociais e políticos. O ressentimento de uma classe trabalhadora desiludida com os efeitos da globalização, o descontentamento generalizado com as elites políticas, a polarização cultural e a capacidade de Trump de mobilizar esses sentimentos em uma campanha populista e anti-establishment explicam sua vitória em 2016. Essa combinação de fatores ilustra a profunda transformação pela qual os Estados Unidos passavam naquele momento, marcando uma nova era de populismo conservador e polarização política no país. A vitória de Trump foi vista como uma rejeição aos políticos tradicionais, tanto do Partido Republicano, quanto do Partido Democrata. Hillary Clinton, sua adversária, era vista como a representante da velha política neoliberal, o que contribuiu para a percepção de que Donald Trump era a alternativa para aqueles que queriam uma ruptura com o status quo. Esse fenômeno de Antipolítica não foi exclusivo dos Estados Unidos, mas parte de uma onda populista global que também se manifestou em outros países durante o mesmo período.

1.4 Brasil

Antes de escrever sobre a ascensão de Jair Bolsonaro ao poder em 2018, precisamos voltar em 6 de junho de 2013, dia em que começou uma manifestação contrária ao aumento da tarifa de ônibus no centro de São Paulo. Os manifestantes foram reprimidos pela polícia e dispersados. Esta foi a primeira de muitas manifestações em diversos lugares do Brasil. Parecia que a manifestação do dia 6 de junho foi só o começo de uma grande revolta popular em busca de melhorias de vida. Duas semanas depois, houve outra manifestação em São Paulo, dessa vez dezenas de manifestantes ocuparam as ruas e a noite aconteceu outras manifestações em Belo Horizonte e Rio de Janeiro. No dia 20, aconteceu em Brasília, com direito a depredação do palácio do Itamaraty, vandalizações como essa aconteceram durante toda a onda de revolta, inclusive no primeiro dia os manifestantes depois de serem reprimidos pela polícia subiram ao centro de São Paulo e vandalizaram lojas e agencias bancarias. A reação da população ao ver as imagens da força policial distribuindo tiros de borracha e bombas de gás ou efeito moral foi contraria ao esperado e cada vez mais o Brasil estava imerso em levantes populacionais.

Tabela 2: frequência anual de protestos no Brasil de 2011 a 2016



Fonte:

Elaborado pelas autoras a partir de Tatagiba e Galvão (2018). *Frequência anual dos protestos entre 1/1/2011 e 31/8/2016, agregada por evento (N=1285). **Fonte:** Revista do CESOP

A repressão policial serviu somente para alimentar a insatisfação que já existia nas grandes cidades com a política social que, segundo a população estava precária, a criminalidade estava cada vez mais alta, o sistema de saúde estava sucateado fazendo com que as pessoas migrassem para planos de saúde privados, o aluguel das casas no centro urbano estava mais alto gerando uma gentrificação ou em uma debandada para os bairros mais periféricos das metrópoles, todos esses fatores, criaram uma grande insatisfação da população e com a Copa Mundial chegando em 2014. O governo estava gastando uma quantidade muito expressiva de verbas com a copa, assim as pessoas perguntavam quais os motivos pelo qual o governo não gastava esses recursos com políticas públicas que melhorassem a qualidade de vida de sua população.

Imagem 1: protesto de junho de 2013 contra o aumento da passagem na cidade de São Paulo



Fonte: Agência Brasil

A mobilização de dezenas de pessoas nas ruas começou a ser disputada por movimentos conservadores que capitalizavam com a insatisfação em relação ao Partido dos Trabalhadores. Os movimentos no ano de 2014 se intensificaram, a população questionava os gastos governamentais com a Copa do Mundo do Brasil. Afirmavam que com este dinheiro era possível investir em moradias, em postos de saúde e no sistema educacional. Essas ondas de manifestações demonstravam um forte sentimento “ANTI-PT” que acompanha o Brasil até os dias de hoje, principalmente nas redes sociais que naquela época já se mostraram fundamentais para organizar e informar onde as pessoas se juntariam.

Imagem 2: protesto contra a Copa do Mundo de 2014 sediada no Brasil



Fonte: Agencia Brasil

“Houve uma radicalização da identidade. As pessoas ficaram mais de direita, mais conservadoras, mais antifeministas”, analisa Pablo Ortellado, professor da Universidade de São Paulo (USP) e um dos coordenadores da pesquisa que analisou o perfil dos manifestantes. Um dos principais fatores para a ascensão de Bolsonaro, foi a onda anti-PT que já existe desde 2013 que foram se intensificando até chegar a Operação Lava Jato com a prisão de Lula. As características dessa onda seriam a anticorrupção, anticomunismo, rejeição do sistema político

e, sobretudo ao PT. “Os pesquisadores dizem ainda que "dentre as ameaças [que uma vitória do PT representaria], aquelas mais apontadas são 'o Brasil se tornar uma Venezuela, criminalidade e corrupção” (Borges, 2018). Bolsonaro soube captar esse movimento e se tornar o seu principal representante. Afirmava que limparia a corrupção do Brasil e não deixaria o comunismo tomar conta do país e defenderia a família brasileira com ética e moral (não distribuindo o famoso “kit gay” e doutrinando alunos para o marxismo). (Ortellano apud Bolsonaro depura sentimento anti-PT e colhe manifestação mais conservadora. *In*: Instituto Humanitas, 2018).

O fenômeno da antipolítica no Brasil, intensificado durante o governo de Jair Bolsonaro, reflete uma rejeição sistemática às práticas e instituições políticas tradicionais. A eleição de Bolsonaro em 2018 foi impulsionada por uma combinação de fatores, entre os quais a insatisfação popular e a desilusão com os partidos políticos tradicionais, especialmente o Partido dos Trabalhadores (PT), que esteve no poder por mais de uma década. Bolsonaro capitalizou essa insatisfação, apresentando-se como um outsider, um político que prometia romper com as práticas tradicionais e restaurar a moralidade na política, apesar de sua longa carreira como parlamentar.

A figura política de Bolsonaro é polêmica sendo ele um ultraconservador militar com uma linha autoritária. A campanha de Jair Bolsonaro foi baseada pelos discursos de ódio ao partido dos trabalhadores e as minorias, tanto religiosas quanto sexuais, assim como o ataque ao sistema eleitoral brasileiro, seu vice Hamilton Mourão ameaçou uma intervenção militar caso as eleições políticas tomassem um rumo inesperado, segundo Mourão se fosse necessário o exército ia “impor uma solução política” com base na defesa da ordem, Bolsonaro tentou desacreditar as urnas eletrônicas em sua corrida presidencial incentivando o voto por cédula.

Grupos radicais de extrema direita que vinham acompanhando Jair Bolsonaro nos anos anteriores em suas redes sociais apoiaram a sua agenda política, diferente da onda ANTI-PT que na maioria eram conservadores moderados. Esses grupos o apoiavam em todas as suas falas e o defendiam com afinco nas redes sociais. Eles colocavam Jair Bolsonaro como a solução dos problemas, parte desse grupo inclusive apoiava a volta da ditadura ou negava que houve no Brasil uma ditadura. Jair Bolsonaro não ganhou apoio apenas dos movimentos de direita, mas também de setores conservadores como as igrejas pentecostais que apoiaram firmemente a campanha de Bolsonaro até o final, figuras importantes como Edir Macedo demonstraram seu

apoio através das redes sociais, pois segundo eles era o único que defendia a bandeira da “família brasileira” e era contrário às ideologias de gêneros dentro das escolas.

Há uma unanimidade de que o Bolsonaro foi o único que empunhou a bandeira da vida, da família, da igreja, da livre economia, da escola sem partido e contra a ideologia de gênero", afirmou o bispo Robson Rodovalho, líder da Sara Nossa Terra, que emitiu nota pela Confederação dos Conselhos de Pastores do Brasil. Achamos que deveríamos manifestar esse apoio antes do primeiro turno, a tempo de influenciar nossa sociedade. (Frazão, 2018)

Com o mundo tecnológico em que vivemos, o bom uso das redes sociais passam a ser um dos principais pilares para uma campanha política bem-sucedida. A maioria da população já tem, em seu cotidiano, acesso à internet e conseqüentemente às redes sociais como facebook e whatsapp. Cabe aos candidatos políticos terem uma boa organização em suas redes colocando discursos ou informações que possam atingir as mentes por trás desses aparelhos eletrônicos. Ainda mais em 2018, ano em que o Tribunal Eleitoral proibiu o uso de dinheiro de iniciativas privadas para campanhas eleitorais e o horário político gratuito nas redes de tv foi diminuído. Bolsonaro e sua equipe construíram ao longo de três anos, com um forte investimento na área da comunicação, uma comunidade online de simpatizantes que inicialmente era restrita em adeptos da intervenção militar e da operação lava-jato. Essa comunidade foi crescendo ao longo do tempo, estima-se que 30.000 grupos de whatsapp ou facebook foram criados nesses três anos. As pessoas comuns que entravam nas redes sociais consumiam esse conteúdo postado e se elas se identificassem com o candidato, compartilhavam em uma comunidade online, grupos de amigos ou da família.

Antes da eleição, 75% das pessoas entrevistadas recebiam informações políticas via WhatsApp; hoje, o número chega a 100%, principalmente por meio de vídeos e memes", afirma Maurício Moura, pesquisador da Universidade George Washington, nos Estados Unidos, e fundador da Ideia Big Data, que realiza pesquisas de opinião via celular. Segundo o Datafolha, 7 em 10 eleitores usaram o WhatsApp para se informar sobre candidatos. (Magenta,2018)

A pesquisa feita acima serve para elucidar os impactos do mundo moderno no seio da política, o mundo atual está movido a uma tecnologia cada vez mais avançada e acessível à população, a comunicação nunca esteve tão rápida e dinâmica, e toda informação que o eleitor tem ou precisa estar na palma da sua mão, fazendo com que a política tenha que se adaptar obrigatoriamente a essa nova demanda da última década.

2. Relações exteriores no governo de Jair Bolsonaro

As relações internacionais entre Brasil, Hungria, Polônia e Estados Unidos no governo Bolsonaro se davam principalmente no campo ideológico da extrema direita global, tanto Brasil quanto outros países de governos de extrema direita como Estados Unidos e Polônia se inspiravam no primeiro ministro húngaro e seu governo um tanto polêmico. Em 2019, Orban foi um dos 10 líderes políticos a visitar o Brasil na posse de Jair Bolsonaro e antes de chegar ao país ligou para o parabenizar pela vitória. Na época, Bolsonaro aproveitou para falar sobre a possibilidade de futuras parcerias com a Hungria e que o primeiro ministro estava feliz pela sua vitória, também falou a respeito do histórico do país com o comunismo e aproveitou para ressaltar que no Brasil não houve ditadura. "A Hungria é um país que sofreu muito com o comunismo no passado, tem um povo que sabe o que é ditadura. O povo brasileiro não sabe o que é ditadura aqui ainda. Não sabe o que é sofrer nas mãos dessas pessoas". (Griesinger,2018)

Imagem 3: encontro entre Jair Bolsonaro e o primeiro ministro da Hungria Viktor Orban no ano de 2019 em Brasília na posse do presidente



Fonte: UOL

O ponto central da aproximação entre Brasil e Hungria foi a retórica comum de defesa dos "valores tradicionais", que incluiu a oposição à imigração, a defesa da família e a rejeição à chamada "ideologia de gênero". Orbán, que lidera o governo húngaro desde 2010, implementou políticas restritivas à imigração e conduziu reformas que minaram a

independência do judiciário e da mídia, buscando consolidar um regime autoritário sob o pretexto de proteger a soberania húngara. Bolsonaro, por sua vez, encontrou na liderança de Orbán um modelo a ser seguido, especialmente em sua crítica ao globalismo e ao multilateralismo. Essa convergência de ideias facilitou o estreitamento das relações diplomáticas entre os dois países.

Eduardo Bolsonaro, filho de Jair Bolsonaro, deputado e então presidente da Comissão de Relações Exteriores da Câmara dos Deputados, visitou em 2019 países de extrema direita e a Hungria estava nessa lista. Eduardo Bolsonaro estava dando continuidade a uma estratégia de Steve Bannon para criar um bloco de países ultraconservadores e combater o chamado “Globalismo”. A visita foi marcada por elogios ao primeiro ministro e críticas à imigração e ao bilionário húngaro George Soros que é o inimigo número um de Orbán. Segundo Orbán o bilionário húngaro faz parte de uma conspiração junto com a União Europeia de derrubá-lo do governo, inclusive Orbán expulsou do país a universidade centro-europeia financiada por Soros e a principal referência de ensino superior do país.

Imagem 4: encontro entre o deputado Eduardo Bolsonaro e o primeiro ministro da Hungria Viktor Orban em 2019 na cidade de Budapeste



Fonte: NEWS BA

Ernesto Araújo também visitou a Hungria pouco antes de Eduardo para aprofundar suas relações diplomáticas com os países de extrema direita como a Hungria, Polônia e Itália. Ainda em 2019, a ministra da família, mulher e direitos humanos, Damare Alves, participou da “Cúpula da Demografia” em Budapeste, o objetivo dessa cúpula era de reunir líderes de vários países ultraconservadores, líderes religiosos e entidades com o intuito de discutir a redução demográfica da população europeia, principalmente da família tradicional cristã. A reunião foi recheada de discursos ofensivos aos imigrantes e aos homossexuais colocando-os como uma ameaça a cultura e a família. Discursos como “ O cristianismo terá de ser mais forte na Europa” e “Não podemos ter medo se nos dizem que somos politicamente incorretos”. Ou ainda: “O homem deve ser homem, e mulher deve ser mulher” foram algumas das falas em destaque na reunião. (Chade, 2019). Em seu discurso, Damare afirmou que o Brasil “voltou a ser um país de família”. Essa reunião serviu de base para a fundação do grupo internacional de apoio a

políticas públicas voltadas as famílias do qual fazem parte o Brasil, Hungria, Polônia e Estados Unidos.

Imagem 5: ministra da família, mulher e direitos humanos Damares Alves em seu discurso na III Cúpula Demográfica de Budapeste, na Hungria no ano de 2019



Fonte: Gov.br ministério dos direitos humanos e cidadania

No segundo semestre de 2020, 31 países incluindo Brasil, Hungria e Estados Unidos assinaram a declaração de consenso de Genebra por meio de uma cerimônia online em que estava presente o chanceler de relações exteriores Ernesto Araújo e a ministra da mulher, família e direitos humanos Damares Alves, o país que assinou esse documento se compromete com a defesa da família e da vida rejeitando completamente o aborto.

Nos reunimos aqui em defesa da saúde da mulher, do fortalecimento da família e da proteção da vida. O Brasil está comprometido a trabalhar junto com os demais países signatários nesta declaração, no âmbito das Nações Unidas, e outros fóruns internacionais pela promoção dessas mais altas aspirações que comungamos”, disse o ministro das Relações Exteriores.

Nós reafirmamos também o nosso dever de proteger a vida humana desde a sua concepção. Rejeitamos categoricamente o aborto como método do planejamento familiar, assim como toda e qualquer iniciativa em favor de um direito internacional ao aborto ou que insinue esse direito ainda que veladamente, acrescentou Ernesto Araújo. (GOV.BR, Brasil,2020)

Em 2022, foi a vez de Bolsonaro juntamente com Walter Braga Netto, seu ministro da defesa e o chanceler Carlos Alberto França fazerem uma visita a Hungria para assinar alguns memorandos a respeito de cooperação na defesa, gestão de recursos hídricos e saneamento, promoções de ações humanitárias. Após a cerimônia de assinaturas, Bolsonaro demonstrou seu respeito ao primeiro ministro húngaro Viktor Orban que o recebeu de braços abertos em seu país e disse à imprensa que considera o Brasil como um pequeno irmão: "

Considero seu país o nosso pequeno grande irmão. Pequeno se levamos em conta as nossas diferenças nas respectivas questões territoriais. E grande pelos valores que nós representamos, que podem ser resumidos em quatro palavras: Deus, pátria, família e liberdade. Comungamos também da defesa da família, com muita ênfase. Uma família bem estruturada faz com que a sua respectiva sociedade seja sadia. Não devemos perder esse foco, disse Bolsonaro. (Rothier e Mazui, 2022)

Viktor Orban apoiou Bolsonaro nas eleições de 2022, em suas redes sociais postou um vídeo elogiando a gestão do então presidente na época e defendendo-o, pedindo votos para Jair Bolsonaro.

Foi uma grande honra ter visto e aprendido como ele reduziu impostos, como ele estabilizou a economia, como ele reduziu as taxas de crimes, e preparou o Brasil para um futuro brilhante. Espero que ele possa continuar seu trabalho e que todos vocês no Brasil possam desfrutar dessas bênçãos. Estamos falando de um presidente que, apesar de toda a esquerda atual, o globalismo, foi corajoso o suficiente para colocar o Brasil em primeiro e Deus acima de tudo. Eu lhe desejo boa sorte. Vai Bolsonaro! finaliza na gravação. (ORBÁN, PREMIER HÚNGARO, GRAVA VIDEO DE APOIO Á BOLSONARO, 2022)

A política externa brasileira, tradicionalmente voltada para o multilateralismo, mudou de direção durante o governo Bolsonaro, favorecendo alianças bilaterais baseadas em afinidades ideológicas. A relação com a Hungria foi parte dessa nova orientação, na qual o Brasil buscou aproximação com governos que compartilhassem a agenda de Bolsonaro de combate ao progressismo, promovendo uma espécie de "diplomacia conservadora". Orbán, que se opõe fortemente às políticas da União Europeia em relação à imigração e aos direitos humanos, viu em Bolsonaro um aliado na defesa de uma agenda internacional mais conservadora e menos atrelada aos organismos multilaterais tradicionais.

As relações exteriores entre Brasil e Hungria durante o governo Bolsonaro foram amplamente definidas por um alinhamento ideológico baseado em valores conservadores e na rejeição ao Globalismo e ao progressismo. Embora economicamente pouco relevante, a aproximação com a Hungria serviu como um exemplo do tipo de alianças que Bolsonaro

buscava promover no cenário internacional, priorizando governos que compartilhavam sua visão conservadora e sua resistência às normas e instituições internacionais tradicionais

No campo econômico, no entanto, as relações entre Brasil e Hungria não apresentaram avanços significativos durante o governo Bolsonaro. Embora houvesse afinidades ideológicas claras, a cooperação econômica entre os dois países permaneceu limitada. A Hungria, sendo um país de menor peso econômico dentro da União Europeia, não representava um parceiro comercial estratégico para o Brasil, e os esforços diplomáticos entre os dois países se concentraram mais na cooperação política e cultural, em vez de em áreas comerciais ou tecnológicas.

2.1 Relações Brasil e Polônia no governo Bolsonaro

As relações exteriores entre o Brasil e a Polônia durante o governo de Jair Bolsonaro (2019-2022) foram fortemente marcadas por um alinhamento ideológico, com ambos os países compartilhando uma agenda política conservadora e nacionalista. Sob o comando de Bolsonaro no Brasil e de Andrzej Duda na Polônia, as duas nações fortaleceram seus laços baseados em princípios como a defesa dos valores tradicionais cristãos, a soberania nacional, e a oposição a movimentos progressistas globais, especialmente no que tange a temas como direitos humanos, gênero e imigração.

A Polônia, desde a eleição de Duda em 2015, havia consolidado uma postura política caracterizada pelo conservadorismo social e pelo questionamento das instituições democráticas. O governo polonês, sob o partido Lei e Justiça (PiS), buscou uma reconfiguração de seu sistema político, com medidas que enfraqueceram a independência do judiciário e provocaram reações críticas da União Europeia, particularmente em relação ao respeito ao Estado de Direito e aos direitos fundamentais. Bolsonaro encontrou na Polônia um aliado estratégico para suas visões políticas, especialmente no campo da moralidade pública, e utilizou o exemplo polonês como referência em suas próprias políticas de confrontação com as instituições democráticas brasileiras, como o Supremo Tribunal Federal.

A relação entre Bolsonaro e Duda foi marcada pela rejeição ao multilateralismo e pela busca por consolidar políticas nacionais que pudessem resistir às pressões de organismos internacionais, como a ONU e a União Europeia, no caso da Polônia. No Brasil, Bolsonaro seguiu uma trajetória semelhante, criticando organismos multilaterais e defendendo a soberania como princípio central de sua política externa. Essa aliança ideológica entre Brasil e Polônia se

materializou em discursos comuns em fóruns internacionais, onde ambos os governos se opuseram a pautas globais relacionadas aos direitos humanos, especialmente no que diz respeito à igualdade de gênero e aos direitos LGBTQIAP+. Um dos temas centrais no alinhamento Brasil-Polônia foi a defesa dos valores tradicionais cristãos. Tanto Bolsonaro quanto Duda utilizaram a religião como um instrumento político para mobilizar suas bases eleitorais, opondo-se àquilo que classificavam como uma "ameaça" dos movimentos progressistas à família tradicional. Essa convergência foi especialmente visível em suas políticas sociais e culturais, onde ambos os governos implementaram medidas para restringir os direitos reprodutivos e questionar a educação em diversidade de gênero, aproximando-se de setores religiosos conservadores.

Em termos de cooperação econômica, as relações entre Brasil e Polônia não apresentaram avanços significativos durante o governo Bolsonaro. Embora houvesse uma afinidade política clara entre os dois governos, as relações comerciais e os investimentos bilaterais permaneceram limitados. A Polônia, como parte da União Europeia, tem uma economia fortemente interligada ao bloco europeu, o que impôs desafios para a ampliação de acordos bilaterais com o Brasil. Apesar das afinidades políticas, as questões econômicas e comerciais raramente foram o foco das relações entre os dois países, sendo as dimensões política e ideológica as que mais se sobressaíram. Essa proximidade entre os dois governos também refletiu a busca de Bolsonaro por aliados que pudessem apoiar sua agenda conservadora em fóruns multilaterais, em contraste com as críticas que seu governo recebia de outras potências ocidentais em temas como direitos humanos e meio-ambiente. O governo polonês, por sua vez, viu no Brasil um parceiro estratégico no contexto de uma crescente polarização política global, reforçando o eixo conservador internacional.

As relações exteriores entre o Brasil e a Polônia no governo Bolsonaro foram construídas em torno de um alinhamento ideológico e moral, com ênfase em questões conservadoras e soberanistas, embora economicamente pouco expressiva, essa aliança foi importante para a diplomacia bolsonarista, que buscou se distanciar de compromissos multilaterais tradicionais e se aproximar de governos que compartilhavam de sua visão conservadora e de sua resistência às normas liberais globais.

2.2 Relações Brasil e Estados Unidos no Governo Bolsonaro

As relações exteriores do Brasil com os Estados Unidos durante o governo de Jair Bolsonaro (2019-2022) foram caracterizadas por um alinhamento ideológico sem precedentes, particularmente durante o mandato de Donald Trump (2017-2021). Bolsonaro, muitas vezes descrito como um admirador de Trump, seguiu uma política externa fortemente influenciada pela agenda conservadora americana, com ênfase na soberania nacional, no nacionalismo econômico e na rejeição ao multilateralismo. Essa aproximação marcou uma ruptura com a política externa tradicionalmente multilateralista do Brasil, que sempre privilegiou a diplomacia Sul-Sul e o diálogo com diversos blocos econômicos e político.

A aliança com os Estados Unidos sob Trump foi construída sobre a base de valores compartilhados, como a crítica às instituições multilaterais, especialmente à ONU, à OMC e ao Acordo de Paris sobre o clima. Bolsonaro e Trump convergiam em sua oposição às regulamentações ambientais internacionais, às políticas de direitos humanos progressistas e ao papel dos organismos internacionais na governança global. Essa aliança ideológica resultou em um forte apoio mútuo nos fóruns internacionais, onde Brasil e Estados Unidos frequentemente adotaram posições conjuntas, especialmente em questões relacionadas a comércio e meio ambiente. Bolsonaro, seguindo os passos de Trump, também adotou uma retórica agressiva contra o multilateralismo, favorecendo uma visão de mundo baseada em acordos bilaterais e em políticas de "América em primeiro lugar".

Devemos ressaltar que boa parte da política externa no governo Bolsonaro se fixou na estratégia de uma aliança internacional conservadora criada por Donald Trump entre o Brasil, Estados Unidos, Polônia e Hungria essa aliança era pautada principalmente pelo alinhamento de ideologia desses países que eram a religião cristã, o combate a ideologias de gênero, ao socialismo e a imigração. A principal aliança internacional do Brasil não ocorreu somente no campo ideológico, mas também comercial. O apoio simbólico de Trump para a entrada do Brasil na OCDE não foi benéfico para o Brasil, pois o país cedeu ao Estados Unidos o direito de explorar a base espacial de Alcântara, no Maranhão, além disto ocorreu isenção do visto para os turistas do país sem reciprocidade para brasileiros, e a abdicação do status de país em desenvolvimento junto às negociações com a Organização Mundial do Comercio.

Imagem 6: encontro entre Jair Bolsonaro e Donald Trump nos Estados Unidos em 2019



Fonte: BBC NEWS Brasil

Os principais acordos feitos entre Brasil, Estados Unidos, Polônia e Hungria, além do comercial, foram acordos em prol da família tradicional, como falado anteriormente, e a aliança para a liberdade religiosa, apesar de serem países de maioria cristã. Nesta reunião teve como proposição o apoio a cristãos que, segundo eles, estavam sendo amplamente perseguidos em várias partes do mundo, o que Jair Bolsonaro chamou na ONU de “cristofobia”, inclusive alguns meses antes, o primeiro ministro da Hungria Viktor Orban, propôs a Bolsonaro um projeto para financiar cristãos na Europa.

No entanto, essa proximidade entre Bolsonaro e Trump não resultou em grandes benefícios econômicos para o Brasil. Embora Bolsonaro tenha buscado se aproximar dos Estados Unidos para estreitar laços comerciais e obter apoio em questões de comércio internacional, como o pleito do Brasil para ingressar na OCDE, os ganhos práticos dessa relação foram limitados. A retórica de apoio mútuo nem sempre se traduziu em acordos concretos. Por exemplo, apesar do apoio de Bolsonaro, o governo Trump impôs tarifas sobre o aço e o alumínio brasileiros, mostrando os limites de uma política externa baseada apenas em afinidades ideológicas.

Depois da pandemia com a derrota de Donald Trump nas eleições as relações políticas entre Brasil e Estados Unidos congelou Donald Trump era o principal aliado e líder da aliança ultraconservadora a saída dele desestabilizou completamente a relação diplomática com os estadunidenses e foi um baque na política externa, o discurso negacionista de Bolsonaro junto com políticas autoritárias tinham transformado o Brasil em um pária político.

As relações diplomáticas com os Estados Unidos no governo de Joe Biden, foram marcadas pelo intenso conflito a respeito da Amazônia. A agenda política de Joe Biden incluía a defesa da democracia e da natureza, assim a Amazônia, lugar em que o presidente estadunidense se mostrava muito preocupado. O discurso de Bolsonaro tentando desacreditar o sistema eleitoral e o descaso com a Amazônia, inclusive chegando a culpar ONGs pelas queimadas, gerou embate entre os dois presidentes, Joe Biden em um dos debates pela corrida presidencial apresentou uma proposta de enviar 20 bilhões de dólares para o Brasil combater a destruição da Amazônia e se não combatesse, segundo Biden, o Brasil enfrentaria “consequências econômicas significativas”. Bolsonaro repreendeu completamente essa fala em suas redes sociais e usou uma cúpula da ONU sobre biodiversidade para responder a Biden e o acusar de “cobiça internacional” pela Amazônia. Na cúpula das américas em 2022, Biden volta a falar sobre a floresta amazônica. Em seu discurso ele disse que o Brasil “fez sacrifícios reais para a proteção da Amazônia, mas que já estava na hora do resto do mundo ajudar a financiar a preservação da floresta”. Para Bolsonaro, o sentimento foi de ameaça à soberania nacional e segundo ele, o Brasil estava preservando com sucesso o seu território.

Apesar da mudança de governo nos Estados Unidos, Bolsonaro tentou manter uma linha de continuidade em suas relações com o país, destacando-se pela defesa de interesses nacionais e pela resistência a pressões internacionais, especialmente em questões ambientais, a falta de afinidade ideológica com Biden tornou as relações mais complexas, com o Brasil encontrando maior dificuldade para obter concessões econômicas e políticas significativas. A retórica de Bolsonaro em defesa da soberania nacional e contra as interferências internacionais em temas como a Amazônia, por exemplo, o distanciou ainda mais do governo Biden e da nova postura americana na arena global. As relações Brasil-Estados Unidos durante o governo Bolsonaro foram profundamente influenciadas pelas afinidades pessoais e políticas entre Bolsonaro e Trump, mas essas afinidades não foram suficientes para garantir ao Brasil benefícios econômicos ou diplomáticos de longo prazo, o alinhamento com os Estados Unidos enfraqueceu o papel tradicionalmente autônomo do Brasil em questões internacionais e limitou

sua capacidade de engajar-se de forma eficaz com outros parceiros estratégicos. Ao mesmo tempo, a transição para a administração Biden expôs as fragilidades dessa estratégia, mostrando que uma política externa baseada exclusivamente em afinidades ideológicas pode ser volátil e pouco eficiente em garantir interesses nacionais mais amplos.

Considerações finais

A análise das relações exteriores do Brasil durante o governo de Jair Bolsonaro (2019-2022) revela uma ruptura significativa com a tradição diplomática multilateralista que marcou a política externa brasileira nas décadas anteriores. O governo Bolsonaro, movido por afinidades ideológicas e um discurso nacionalista, priorizou o alinhamento com governos de direita radical, como Hungria, Polônia e Estados Unidos, especialmente sob a liderança de Donald Trump. Essa reorientação resultou em uma diplomacia baseada em valores conservadores, oposição a pautas progressistas e defesa da soberania nacional frente às instituições internacionais, refletindo uma agenda que buscava isolar o Brasil das pressões globais relacionadas a direitos humanos e questões ambientais.

A política externa de Bolsonaro, embora coerente em seu discurso de alianças ideológicas, não gerou ganhos econômicos ou diplomáticos significativos para o Brasil. As expectativas de uma maior aproximação com os Estados Unidos, em especial, foram frustradas por uma relação assimétrica que beneficiou mais os interesses americanos, sem oferecer ao Brasil os avanços esperados em comércio ou influência internacional. Além disso, a mudança de governo nos Estados Unidos com a eleição de Joe Biden expôs as fragilidades de uma diplomacia pautada exclusivamente em afinidades políticas, levando a um distanciamento nas relações e ao isolamento do Brasil em fóruns multilaterais.

No contexto europeu, a aproximação com governos como os de Viktor Orbán, na Hungria, e Andrzej Duda, na Polônia, também esteve baseada em afinidades conservadoras, mas teve pouco impacto econômico e limitado alcance diplomático. A estratégia de Bolsonaro de construir uma “diplomacia conservadora” mostrou-se insuficiente para reposicionar o Brasil de forma estratégica no cenário global, especialmente em um momento de crescentes desafios multilaterais, como as questões ambientais e de direitos humanos.

Desta forma, o governo Bolsonaro promoveu uma política externa que, ao priorizar o alinhamento com governos de direita radical, fragilizou o papel tradicional do Brasil como ator multilateral de peso e diversificado nas suas alianças, o resultado foi um Brasil mais isolado no

cenário internacional e com poucos ganhos concretos, tanto em termos econômicos quanto diplomáticos, refletindo as limitações de uma diplomacia baseada apenas em ideologia.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

ANDREU, J. FARIZA, I. **A tentação totalitária chega à Europa, A Hungria é o primeiro membro da UE a defender um modelo de liberdades limitadas**, ago.2014 Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2014/08/01/internacional/1406919450_030792.html acesso em: 29 de out de 2024.

ARMAUD SIAD, **Hungria “não pode mais ser considerada democracia plena”, diz Parlamento da UE**, 16 Set. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/hungria-nao-pode-mais-ser-considerada-democracia-plena-diz-parlamento-da-eu/> acesso em: 29 de outubro de 2024.

BORGES, R. **Bolsonaro depura sentimento anti-PT e colhe manifestação mais conservadora**, 23. Out. 2018, Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/22/politica/1540235666_152785.html Acesso em: 29 de outubro de 2024.

CAZARRÉ, M. **Presidente Bolsonaro participa de assinaturas de acordos com a Hungria**, 17. Fev. 2022, Brasília, Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2022-02/presidente-bolsonaro-participa-de-assinaturas-de-acordos-com-a-hungria> Acesso em: 29 de outubro de 2024.

CHADE, J. **Com Damares, "Cúpula da Demografia" ataca ONU, feminismo e homossexuais**, 21. Set. 2019, Genebra, Disponível em: em <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2019/09/21/com-damares-cupula-da-demografia-ataca-onu-feminismo-e-homossexuais.htm> Acesso em: 29 de outubro de 2024.

CRAIDE, S. **Bolsonaro já esteve três vezes com primeiro-ministro da Hungria**, 26. Março. 2024, Brasília, Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2024-03/bolsonaro-ja-esteve-tres-vezes-com-primeiro-ministro-da-hungria> Acesso em: 29 de outubro de 2024.

Bolsonaro depura sentimento anti-PT e colhe manifestação mais conservadora. *In:* Instituto Humanitas, 23.08.2018. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/188-noticias-2018/584001-bolsonaro-depura-sentimento-anti-pt-e-colhe-manifestacao-mais-conservadora> Acesso em: 29 de outubro de 2024.

BILOTTA, Renato. **Recolocando a mesa: uma proposta de política externa pós-Bolsonaro por meio da gastrodiplomacia.** 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Relações Internacionais) – Universidade Federal do ABC, São Bernardo do Campo, 2021. Convalidado no curso de Políticas Públicas da Universidade Federal do ABC, São Bernardo do Campo, 2024.

BRASIL NA OCDE: OQUE O PAÍS CEDEU AOS EUA EM TROCA DE APOIO Á ENTRADA NO 'CLUBE DOS PAÍSES RICOS. *In:* Jornal BBC NEWS BRASIL, 10. Out. 2019, Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-50009155> Acesso em: 29 de outubro de 2024

CIDADANIA E ASSISTENCIA SOCIAL, Brasil assina declaração sobre defesa do acesso das mulheres a promoção da saúde, 23.Out. 2020, Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/assistencia-social/2020/10/brasil-assina-declaracao-sobre-defesa-do-acesso-das-mulheres-a-promocao-da-saude> Acesso em: 30 de outubro de 2024.

DA SILVA, J. R. **'A cruzada de Viktor Orbán contra George Soros custou a minha universidade'**, 27. Maio. 2021, Disponível em: <https://www.intercept.com.br/2021/05/27/cruzada-viktor-orban-contra-george-soros-custou-minha-universidade/> acesso em: 29 de outubro de 2024.

EDUARDO BOLSONARO VISITA HUNGRIA E ITALIA. *In:* Jornal NEWSBA, 20. Abril. 2019, Disponível em: <https://newsba.com.br/2019/04/20/eduardo-bolsonaro-visita-lideres-da-hungria-e-da-italia/> Acesso em: 29 de outubro de 2024.

DESIDERI, L. **Brasil, Hungria, Polônia e EUA se unem por agenda conservadora internacional,** 1. Março. 2020, Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/republica/brasil-hungria-polonia-eua-agenda-conservadora/> Acesso em: 29 de outubro.

FARIA G., **Orbán: um ditador quer acolher Bolsonaro,** Março.2024, Disponível em: <https://outraspalavras.net/direita-assanhada/dossie-orban-um-ditador-quer-acolher-bolsonaro/> Acesso em 29 de out de 2024.

FERREIRA, L. F. **Processos de crise e securitização na Hungria**: da pauta econômica às "ameaças nacionais" da imigração e da COVID-19, Jun/ 2020, Disponível em: <https://observatorio.repri.org/2020/06/09/processos-de-crise-e-securitizacao-na-hungria/> acesso em 29 de outubro de 2024.

FUKUYAMA, F. **The End of History? The National Interest, Summer 1989**. In: FOREIGN AFFAIRS/Council on Foreign Relations. *America and the World: Debating the New Shape of International Politics*. New York: Foreign Affairs, 2002.

FRAZÃO, F. **Bolsonaro recebe apoio de líderes evangélicos**, 1. Out. 2018, Disponível em: https://www.terra.com.br/noticias/eleicoes/bolsonaro-recebe-apoio-de-lideres-evangelicos,b842dba5b40704dfa930ed5b6934dc9ae4dbb4tz.html?utm_source=clipboard Acesso em: 29 de outubro de 2024.

GASPERETTO JUNIOR, A **Neoliberalismo**, 2024, Disponível em: <https://www.infoescola.com/historia/neoliberalismo/> Acesso em 29 de outubro de 2024.

GRAÇA, E. 2016: **Vitória de Trump muda geopolítica mundial**, 29. Dez. 2016, Disponível em: <https://www.rfi.fr/br/americas/20161229-2016-vitoria-de-trump-muda-geopolitica-mundial> . Acesso em 29 de outubro de 2024.

GERA, V. **Uma Polônia profundamente dividida escolhe um presidente no segundo turno**, 8. Jul. 2020, Disponível em: <https://apnews.com/article/f53f613430df515ab17fe10c2928a3c>. Acesso em: 29 de outubro de 2024

GLAIN, S. **State vs. Defense: the Battle to Define America's Empire**. New York: Crown Publishers, 2011.

GOMES, Maiko Jhonata de Araújo; MENEZES, Lucas Lira de. **A ascensão da direita radical no Leste Europeu e a perseguição aos direitos das pessoas LGBTQIA+: Compreendendo os casos da Hungria (2012-2022) e Polônia (2015-2022)**. *Revista Conjuntura Austral*, v. 14, n. 65, p. 49-60, 2023.

GRIESINGER, D. **Bolsonaro conversa com primeiro-ministro da Hungria**, 19. Nov. 2018, Brasília, Disponível em: <https://agenciabrasil.etc.com.br/internacional/noticia/2018-11/bolsonaro-conversa-com-primeiro-ministro-da-hungria> Acesso em: 29 de outubro de 2024

GUIMARÃES, C. **A política externa dos Estados Unidos: da primazia ao extremismo**. *Estudos Avançados*, v.16, n.46, 2002, p.53-67.

HARPER, J. **Por que poloneses temem a chegada de refugiados?** Jornal Deutsche Welle Português, 8. Jan. 2016, Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/por-que-poloneses-temem-a-chegada-de-refugiados/a-18964248>. Acesso em: 29 de outubro de 2024.

HIRST, Monica; MACIEL, Tadeu Morato. A política externa do Brasil nos tempos do governo Bolsonaro. SciELO Preprints. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.4771>. Acesso em: 19 out. 2024.

HUNGRIA IMPULSIONA RELIGIÃO CRISTÃ NO ENSINO. In: Jornal Estado De Minas Internacional, HÓDMEZOVÁSÁRHELY, 8 Set. 2021, Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2021/09/08/interna_internacional,1303572/hungria-impulsiona-religiao-crista-no-ensino.shtml. Acesso em 29 de outubro de 2024.

LAFER, Celso. **Relações internacionais, política externa e diplomacia brasileira: pensamento e ação.** 2 v. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2018.

LEITE, L. A. B. **A construção do inimigo nos discursos presidenciais norte-americanos do pós-Guerra Fria** [recurso eletrônico] / Lucas Amaral Batista Leite. – 1. ed. – São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/927c24bc-6654-4950-ad23-504baa8784fb/content> Acesso em: 30 de outubro de 2024

LEVY, M. **Lei de Recuperação e Reinvestimento Americana**, 2009, Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/American-Recovery-and-Reinvestment-Act> Acesso em: 30 de outubro de 2024.

MAGENTA, M. **Eleições 2018: Como Bolsonaro superou a bolha radical na internet e terminou o 1º turno na liderança**, 7. Out. 2018, Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45768006> , Acesso em: 29 de outubro de 2024.

MINISTÉRIO DOS DIREITOS HUMANOS E DA CIDADANIA, Na Hungria, ministra Damares ressalta que o Brasil é um país pró-família, 5. Set. 2019, Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2019/setembro/na-hungria-ministra-damares-ressalta-que-o-brasil-e-um-pais-pro-familia> Acesso em: 29 de outubro de 2024.

MENAND, L. **A ascensão e queda do neoliberalismo**, 7. Ago. 2023, Disponível em: <https://fpabramo.org.br/focusbrasil/2023/08/07/a-ascensao-e-queda-do-neoliberalismo/>
Acesso em: 29 de outubro de 2024.

MELLO, D. **Junho de 2013: entenda o cenário de insatisfação que levou a protestos**, 4. Jun. 2023, Brasília, Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-06/junho-de-2013-entenda-o-cenario-de-insatisfacao-que-levou-a-protestos>. Acesso em 29 de outubro de 2024.

MINISTÉRIO DOS DIREITOS HUMANOS E DA CIDADANIA, Na Hungria, ministra Damares ressalta que o Brasil é um país pró-família, 5. Set. 2019, Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2019/setembro/na-hungria-ministra-damares-ressalta-que-o-brasil-e-um-pais-pro-familia> Acesso em: 29 de outubro de 2024.

MOTA, C. V. **Bolsonaro na Hungria: como primeiro-ministro Viktor Orbán se tornou inspiração para a ultradireita**, 17. Fev. 2022, Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60396883>. Acesso em: 29 de outubro de 2024

MOTTA, Bárbara Vasconcelos de Carvalho; MILANI, Livia Peres. **As relações entre Brasil e Estados Unidos sob a direita radical: Concepções de ordem e articulações em fóruns multilaterais**. *Revista Conjuntura Austral*, v. 14, n. 66, p. 55-67, abr./jun. 2023.

NEVES, E. Viktor Orbán, **A voz da intolerância**, 2 de jul. 2021, Revista Veja, Disponível em: https://veja.abril.com.br/mundo/viktor-orban-a-voz-da-intolerancia#google_vignette. Acesso em: 29 de outubro de 2024.

ORBÁN, PREMIER HÚNGARU, GRAVA VIDEO DE APOIO Á BOLSONARO; Por IG Último segundo, 1 Nov. 2022, Disponível em: <https://ultimosegundo.ig.com.br/mundo/2022-10-01/bolsonaro-orban-hungria-apoio-bolsonaro.html> Acesso em: 29 de outubro de 2024

ORBÁN DIZ QUE DISCURSO CONTRA MIGRAÇÃO É "QUESTÃO CULTURAL" Jornal Deutsche Welle Português, 28.jul.2022, Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/orb%C3%A1n-diz-que-discurso-contramigra%C3%A7%C3%A3o-%C3%A9-quest%C3%A3o-cultural/a-62629791>. Acesso em: 29 de outubro de 2024.

PALOMO, E. **Orbán reforça domínio da ultradireita na Hungria com reforma que inclui gestão das universidades**, 27 ABR 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2021-04-27/orban-reforca-dominio-da-ultradireita-na->

[hungria-com-reforma-que-inclui-gestao-das-universidades.html](#). Acesso em: 29 de outubro de 2024.

PINTO, Tales. **Revolução Húngara e a luta contra os soviéticos**, 2023 Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/revolucao-hungara-e-a-luta-contra-os-sovieticos.htm#:~:text=O%20levante%20na%20Hungria%20iniciou,Comunista%2C%20liderado%20por%20Ern%C3%B6%20Ger%C3%B6> , acesso em 29 de outubro de 2024.

QUINTANILHA, Mariana Azevedo Soares. **A ascensão da extrema-direita no Brasil: como mitigar seus impactos na relação Brasil-China**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Relações Internacionais) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

REIS, T. **Dodd-Frank: entenda como funciona a lei que regulou o mercado financeiro americano**, 25. Fev. 2019, Disponível em: <https://www.suno.com.br/artigos/dodd-frank/> Acesso em: 30 de outubro de 2024

RODRIGUES, A. **Brasil e outros 31 países assinam declaração sobre saúde da mulher**, 23. Nov. 2020, Brasília, Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2020-10/brasil-e-outros-31-paises-assinam-declaracao-sobre-saude-da-mulher> Acesso em: 30 de outubro de 2024

Rothier, B. Mazui, G. **Bolsonaro chama Orbán de irmão e destaca afinidade nos costumes: 'Deus, pátria, família'**. In: g1: 17.02.2022 Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/02/17/bolsonaro-e-orban-assinam-acordos-em-budapeste.ghtml> Acesso em: 29 de outubro de 2024

SAHUQUILLO, M. R. **A “revolução patriótica” que promove avalanche de direita na Polônia**, 8. Jul. 2018, Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/07/07/internacional/1530989514_090493.html. Acesso em: 29 de outubro de 2024

SCHIAGWEIN, F. **Como George Soros se tornou um inimigo da extrema direita**, 29. Maio. 2020, Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2020/05/29/como-george-soros-se-tornou-um-inimigo-da-extrema-direita.html> , Acesso em: 29 de outubro de 2024.

SIMIONI, Fabiane; KYRILLOS, Gabriela. **Política externa no governo Bolsonaro (2019-2021)**: Disputas discursivas e rupturas institucionais nas políticas de gênero. *Revista Dados*, Rio de Janeiro, v. 67, n. 4, 2024.

TATAGIBA; L., ANDREIA GALVÃO, G. **Os protestos no Brasil em tempos de crise (2011-2016)**, OPINIÃO PÚBLICA, Campinas, Revista do CESOP, vol.25, nº1, jan.abr P. 63- 96, Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/op/a/C5zs3mVLLL3YXVyVpw4jhg/?format=pdf&lang=pt>
DOI:10.1590/1807-0191201925163.

YOUNG, V. A. F. **Neoliberalismo, Indústria e o Governo de Ronald Reagan**, 1. Nov. 2022, Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/sobreeconomia/2022/11/01/neoliberalismo-industria-e-o-governo-de-ronald-reagan/> Acessado em: 29 de outubro de 2024.